

EX LIBRIS



RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

R.C.S.

W.

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

"Esta foi a minha era em um excelente refugio, pouco
leitura, que, entao exercia no Pais, e que alguns me-
reos da morte de Raul [Pompéia] promoveram a publica-
cao das Canções Sem Metro, meu deute, minha grande
pobrelinda, e ainda bem, que que foi tudo quanto se
publicou em volume de grande largura para
Pompéia, além de segunda edição do Além,
dele meo cantada: "Ritmo e canção".

RAUL POMPEIA

CANÇÕES ❖ ❖ ❖

❖ ❖ ❖ ❖ SEM ❖ ❖ ❖ ❖

❖ ❖ ❖ ❖ METRO



RIO DE JANEIRO

TYP. ALDINA, Rua da Assembléa, 96



—
CANÇÕES SEM METRO
—

RAUL POMPEIA

CANÇÕES

SEM

METRO



RIO DE JANEIRO

Typ. ALDINA, Rua da Assembléa 96

—
1900

PROLOGO

Les paroles qui composent le vers, n'ont par elles-mêmes aucune mesure déterminée ; elles n'en ont une qu'à partir du moment où elles sont prononcées dans un temps mesuré : ce qui est mesuré, ce n'est donc pas le vers, mais le temps, et la science de la mesure, la Métrique, telle que nous l'entendons dans son sens vraiment général et scientifique, peut s'appliquer à toute mesure du temps, quel qu'en soit l'agent rythmique, danse, chant ou parole.

PAUL PIERSON

*Métrique naturelle du langage,
Introduction.*

I
VIBRAÇÕES

VIBRAÇÕES

*Comme des longs échos qui de loin se con-
[fondent
Dans une ténébreuse et profonde unité,
Vaste comme la nuit et comme la clarté,
Les parfums, les couleurs et les sons se re-
[pondent.*

C. BAUDELAIRE.

Vibrar, viver. Vibra o abysmo ethiereo á musica das espheras ; vibra a convulsão do verme, no segredo subterraneo dos tumulos. Vive a luz, vive o perfume. vive o som, vive a putrefacção. Vivem á semelhança os animos.

A harpa do sentimento canta no peito, ora o enthusiasmo, um hymno, ora o adagio oscillante da scisma. A cada nota, uma côr, tal qual nas vibrações da luz. O conjuncto é a symphonia das paixões. Eleva-se a gradação chromatica até á suprema intensidade rutilante ; baixa á profunda e escura vibração das elegias.

Sonoridade, colorido : eis o sentimento.
Dahi o symbolismo popular das côres.

Verde, esperança.

A impetuosa alegria da terra, á passagem de Flora, a primavera verde, compromisso maternal do outomno e da opulencia.
Naufragos no mar.

Sem pão, sem rumo. Em roda, o gume afiado do horizonte, a reverberação do sol nas aguas e o silencio solemne da calmaria. A vela do barco, flacida, pendente—imagem do abatimento. Ligeira viração depois; denso nevoeiro... quatro dias! sudario de brumas que envolve o barco, elimina o céu. Vão acabar assim, amortalhados na bruma. Um ramo, apenas, sobre as aguas, um ramo côr da esperança. Salvos! Adivinha-se o continente salvador através da nevoa e o paorana verde das florestas.

Amarello, desespero

Ouro e sol; ouro, o desespero da cobiça, sol, o desespero da contemplação: a côr dos idéaes perdidos.

Sobre o leito, o cheiro máo das chagas era como uma antecipação da morte. Descamava-se a pelle em crostas asperas sobre o grude do pús. Ella morria, alcançada pelo sorteio inexoravel da Peste. A' porta, o anjo negro da maldição; longe, a espavorida caridade.

Alli, na parede, havia flôres adornaudo um retrato de moço. Simples lembrança da Paschoa, flôres da alleluia, colhidas numa escapada de amantes. Amor não faz quaresma... Cobertas de ouro as arvores... Ella tambem triumphante: ouro sobre o esplendor adorado do sexo... Agora fitava as flôres seccas. Junto della, o filho, pequeno animal sem vontade, sem vida, que lhe chegava aos labios um copo d'agua.

Sobrará-lhe um filho dos desperdícios do passado, para vigiar-lhe a agonia. Ninguém mais, ninguém mais, nem Deus com ella : apenas as flôres do desespero e aquelle copo d'agua de vez em quando, que ella sorvia como uma medicina amarga de lagrimas...

Azul, ciúme.

Céo e oceano, a soledade sem fim. O ciúme é isolamento, queixa sem echos do coração solitario.

Ao despertar, estava só na triste camara. Enferma e abandonada ! Calcadas aos pés as juras de hontem, como destroços de um idolo quebrado. Fronteira ao leito, a janella parecia alargar-se mais e mais para mostrar o firmamento. Sob o reflexo azul bem sonhara Rosita o abandono, elles felizes numa concha de saphira, levados á flôr do grande lago, documente, cantando, docemente. si a barcarola os levasse. Morreu, fechando na palpebra a estampa diurna daquelle azul fundo, deserto.

Roxo, tristeza.

Tinta tomada á palheta do occaso e ás flôres da morte.

Alegre, ella. Muita luz no espaço ; bailava no ar o cantico sereno da manhã ; na relva os arbustos orvalhados tinham um pequenino sol em cada folha. Sómente as violetas soffriam, puugidas pelo dia.

Outra manhã, tudo mudado. Na atmosphera, um torpor gélido e sombrio. Os extremos da paisagem gastam-se na cerração como as orlas de uma pintura velha: nem sol nem passaros na relva.

Agora, orphã.

As violetas revivem, as melancolicas, desabrochando em suspiros, sob as lagrimas da chuva.

Vermelho, guerra.

Sangue, cólera, vinganças, os hymnos marciaes, golpes, o incendio, vermelho o manto dos tyrannos e Marte, o astro dos combates.

Da casinha á beira-mar, olhos em febre, a velha mãe arguia a distancia. Lá, mergulhara o vapor que lhe roubava o filho para a guerra. A tarde passa e a noite; a velha, immovel, marmorizada na dôr, como uma esculptura do *Stabat Mater*. E vem a aurora, uma aurora brutal de chamma e sangue. A mãe do soldado cahiu como morta.

Ouvira, das bandas da aurora, um grito de morte e a voz perdida do agonisante ora a voz do filho.

Branco, paz.

Arminho immaculado e virginaes capellas, o sagrado leito das mãis, o rosto calmo dos mortos, os tranquilllos phantasmas.

“Terminada a lucta, minha boa Irene. Torno a ver-te emfim e aos queridinhos. Ver-me-has tambem. Como se fica velho neste ambiente de polvora queimada !”

Dizia assim a carta, datada do acampamento. Irene ergueu os olhos para a tarde, os olhos rasos de pranto. Expirava o crepusculo na ditosa agonia dos patriarchas, lenta e mansa ; errava no occidente a neblina lucida da ultima hora, saudade apenas do dia extincto. A estrella placida das tardes parecia olhar a terra ; em frente alava-se a lua e o luar noctambulo ia, pelos caminhos, semeando a diffusão suavissima da paz.

Irene abandonou-se ao extasi contemplativo, gozando o crepusculo, como si lhe invadissem o sentimento a lethargia edenica do anontecer.

Negro, morte.

O contraste da luz é a noite negra.

Sente-se na epiderme a caricia do calefrio ; envolve-nos um clima glacial ; extranha brisa penetra-nos, feita de agulhas de gelo. Em vão flammeja o sol a pino. Sente-se dentro na altura a noite negra, invernosa, polar ; soffre-se o contacto da Sombra. Tudo trevas, sinistramente trevas. O dia, resplandescente na alvura dos edificios, produz o effeito da prata nos catafalcos. Vemos as flôres, o prado. Monstros ! Reclamam a carne do pé que os pisa ; o verme soffregos espreita-nos através da terra... Rir ? ! Mas o riso tem a cruel vantagem de accentuar, sob a pelle, a caveira...

Ha destas escuras noites no espirito.

Rosa, amor.

O sorrir das virgens, e o adoravel pudor,
e a primeira luz da manhã.

Esta creança pensativa. Acompanha com
a vista o revoar dos pombos; escuta o
mysterioso segredo dos casaes pousados.
Vive-lhe ainda no semblante a candura da
infancia e nos formosos cabellos o calido
aroma do berço. Subito, duas pombas par-
tem. Vão. Longe, são como pontos brancos
no azul; o bater das azas imita sciutil-
lações: vão, espaço a fóra, estrellas enamo-
radas.

A scismadora creança experimenta a
vertigem do azul e a alma escapa, sedenta
de amplidão, e vôa ao encalço das estrellas.

Ha noutes de payor nas almas, ha bellos
dias igualmente e gratas expansões mati-
naes, auroras de rosa como em Homero.

Ha tambem nas almas o incolor dia-
phano do vidro.

Dinheiro, amor, honraria, successo, nada
me falta. O programma das ambições
tracéi, realizei. Tive a meu serviço a intel-
ligencia estudiosa do Occidente e a sensua-
lidade amestrada do Levante. Tive por
mim as mulheres como deusas e os homens
como cães. Nada me falta e disto padeço.
Todos dizem: aspiração! e eu não aspiro.
Todos sentem a musica do universo e a
harmonia colorida dos aspectos. Para mim
só, victima da saciedade! tudo é vasio, es-
cancarado, nullo como um bocejo.

E os dias passam, que vou contando lento, leuto torturado pela implacavel côr de vidro que me persegue.

Ha, emfim, a coloração indistiucta dos sentimentos, nas almas deformadas.

Veiu de longe, muito longe, misero ! Teve outr'ora um céo, uma patria, muitas affeições, a cabana da aldeia. Agora só tem o odio. O odio mora-lhe no peito, como um tigre na furna. Tiraram-lhe a patria, a companheira, votaram-lhe á morte os filhos, as filhas á torpeza ; deram-lhe em compensação... Mostrava a face preta, o sangue a correr. Quem são os teus algozes ?

— Os homeus brancos.

Elle odeia os homens brancos ; odeia a torre aguda, ao longe, como um punhal voltado contra os céos : odeia o trem medonho de fogo e ferro, que muge e passa, troando, escandalo do ermo.



II

AMAR

INVERNO

*Ya la esperanza a los hombres
Para siempre abandonó ;
Los reccuerdos son tan solo
Pasto de su corazon.*

J. DE ESPRONCEDA.

(El Diablo mundo).

—

Inverno ! inverno ! inverno !

Tristes neveiros, frios negrimes da longa treva boreal, descampados de gelo cujo limite escapa-nos sempre, desesperadamente, para lá do horisonte, perpetua solidão inhospita, onde apenas se ouve a voz do vento que passa uivando como uma legião de lobos, através da cidade de cathedraes e tumulos de crystal na planicie, phantasmas que a miragem povoam e animam, tudo isto: decepções, obscuridade, solidão, desespero e a hora invisível que passa como o vento, tudo isto é o frio inverno da vida.

Ha no espirito o luto profundo daquelle ceu de bruma dos logares onde a natureza dorme por mezes, á espera do sol avaro que não vem.

Nem ao menos a lethargia acorda ao clãrão de falsas auroras, nem uma vez ao menos a cupola unida das nevoas abre um postigo para o outro ceu, a região dos astros. Nada ! Nada ! Procuramos encontrar fóra de nós alguma coisa do que nos falta e os

pobres olhos cançados não vão além dos
cabellos brancos que cahem pela fronte;
soffre-se o desengano do invernado que da
fria choupana contasse vêr a seára loura
dos bons dias por entre as franjas de neve
que os tectos babam ao frio.

Tudo sombrio e triste. Triste o derradeiro
consolo do inverno que embriaga entre-
tanto como o ultimo vinho dos condem-
nados : a recordação dos dias idos, a acerba
saude da primavera.



PRIMAVERA

*The fields breathe sweet, the daisies kiss our
Young lovers meet, old wives a' sunning ^{feet} sit.
In every street these tunes our ears do greet
Cuckoo! jug-jug, pu-we, to witta-woo!
Spring! the sweet spring!*

THOMAS NARH.

A boa Herminia sentiu o remorso do crime. Para restituir á natureza o passaro fôra preciso rouba-lo á seuhora. E fitava o ponto do espaço onde vira sumir-se, como uma bala de ouro o canario absorvido pela vasta alegria bonançosa do azul. Fizera bem? Fizera mal?

Sentia-se no ambiente a franca liberdade das brizas; em torno de cada flor briucava livremente um perfume; livres passavam no ar as folhas seccas, as petalas soltas; no alto, muito em cima, voavam as nuvens dispersas como um bando de aguias indomaveis; embaixo, no campo, as proprias arvores, servas da gleba, presas pela contingencia da seiva, açoutavam-se mutuamente, arremessavam-se punhados de flores, em douda alegria, no gozo da relativa liberdade.

As proprias rochas, symbolo da passividade necessaria, engastadas no solo, as altivas rochas, realisavam a liberdade omnipotente da inercia esmagando Sysipho

invisível, sob o esforço eternamente victorioso do inexoravel peso. Sobre todo este concerto de liberdade, dominava apenas a festiva soberania da Primavera.

Ah ! não era crime, não ! restituir o canario á natureza que o produzira livre, livre como os perfumes, como as folhas seccas e as petalas soltas, livre como a nuvem, livre para voar, cantar, como são livres as arvores para florescer, as rochas para esmagar !

Mas esquecia Herminia que tambem lhe era vedado o goso das primaveras ; havia tambem um ceu que em vão a chamava, havia um mundo de expansões que lhe reclamavam a alma ardente de donzella.

Entre as expansões primaveraes e o seu espirito interpunha-se a vontade dos homens, rude e fria, como uma grade de ferro. Não lhe pertencia a formosura do corpo nem a vida da alma — pobre escrava !

E andava, tola ! a protestar contra a escravidão dos cauarios.



VERÃO

*La Débauche et la Mort sont deux aimables
Prodigues de baisers et riches de santé ^{filles}
Dont le flanc toujours vierge e drapé de
Sous l'éternel labeur n'a jamais enfanté. ^{guenilles}*

C. BAUDELAIRE.

O verão é o extase do fogo.

Desabrocha francamente a primavera pubere. O esplendor viçoso das formas da juventude aguarda a carícia da aza do estio que aquece e fecunda. Chega então a festa do amor, a orgia do fogo.

Fulge no abrazado zenith o sol, como um trophéo de espadas nuas e a natureza enleada pelas serpentes da lascivia estival, debate-se á luz, vencida,—bella amante que succumbe ao amor carnívoro, pungente de um semi-deus guerreiro, na propria tenda de campanha, bebedo ainda do furor do recontro, excitado pelo cheiro cruento da manança.

Ser amada assim ! suspirava a selvagem Ruth, meiga e aerea creança, no fundo mysterioso do sangue.

Amor de verão !

Viver a intensidade mortal da vida, arder, arder e morrer, como o fogo que cresce, cresce e de si mesmo morre, enfermo do seu triumpho.

O OUTOMNO

*... Comme des fruits d'automne,
D'enfants beaux et vermeils la table se
couronne.*

A. BRIZEUX.

Levou-as o vento, ha muito, as flores virgens da primavera ; o noivado do estio passou tambem.

Hoje a natureza dorme num grande descanso promettedor, extenuada pela lascivia das manhãs estiadas. Os ramos pendem sopesando entumescidos fructos, e os fructos, gordos de seiva e carne, parem no ar como pequeninos ventres,—maternidade sem ventura ! a morrer no chão e a nutrir da propria morte a vida das sementes.

E, na estação dos fructos, vão passar almas de mães, ao sol dos pomares, opprimindo o seio contra os labios dos recém-nascidos.

Melancolicas em sua ventura, scismam e olham pallidas o fausto melancolico do outomno, que ostenta a vida energica dos rebentos na carne morta dos fructos dispersos.

Almas morticas de outomno, pallidas, mas iugenitas. Querem talvez saber para que nasce o innocente grêlo matricida do destroço putrido de um fructo. Querem saber a que voraz conviva aproveita o banquete opiparo do outomno.

Flôres da primavera, éstos fecundos do
verão, germeus benditos do outomno, vir-
gindade, formosura, amor, maternidade e
depois a mortalha do inverno !

Ninguem vos dirá porque renasce do triste
inverno a verde primavera...



ILLUSÃO RENITENTE

*E tu, lenta ginestra,
Chi di selve odorate
Queste campagne dispogliate adorni
Anche tu presto, alla crudel passanza
Soccomberai....*

G. LEOPARDI

(*La ginestra.*)

Extranho sonho. Cataclysmo inaudito assaltou a natureza. A espessura tragica de uma noite extraordinaria invadiu o espaço como si de azas de corvo se fizesse o firmamento. Nesta sombra, espantoso sepulchro ! jaz anniquillado o universo.

Desconcertadas as leis do mundo, rota a mascara das cores, desarmadas as perspectivas, reina a definitiva realidade cega do pavor. O nada, irmão da treva e do caos, revela-se em toda a grandeza do prestigio brutal, negativo, incontestavel. Cessou o tumulto animado das transformações ; o conflicto dos atomos foi substituido por uma pacificação profunda ; o fogo e a agua, confundidos no accôrdo de uma destruição mutua e simultanea, renunciaram ao velho antagonismo de elementos rivaes. Não mais a vida dos vermes na entranha do cadaver, não mais a vida dos astros no vacuo ; nem ha mais astros no ceu nem ha mais vermes na terra : o demonio do anniquillamento sustou a marcha sideral das espheras !

Nem uma lasca de tumulo a nos lembrar mais os homens, nem um aerolitho perdido, a recordar os planetas, nem uma fugitiva scentelia que diga dos consummidos sóes. A ephemeride dos aspectos, no tempo, cessou.

O tempo e o espaço immanentes numa só uniformidade, sem soluções, sem successões, realisam a hypothese do termo absoluto.

Resolveu-se emfim a universal comedia das formas, das superficies, das illusões...

Como um passaro envolvido iuesperadamente no turbilhão da borrasca, vivia, entretanto, o meu sentimento, no meio da consummação geral das cousas.

Estranho sonho !

E eu vi, senti uascer das trevas um clarão suavissimo, semelhaute ao luar que vem do céu, rasgando uma por uma as baulinas pesadas da tempestade.

Era a luz de um olhar...

Nem tudo perecêra !

Este simples clarão saciava-me como si fosse a coucitração da vida universal roubada aos seres, ou o espirito errante das constellações extinctas !



III

O VENTRE

O MAR

*Et cuncta, in quibus spiraculum
vitæ est in terrâ, mortua sunt.*

GENESIS. C. VII. 22.

Outrora, contra a maldade humana, indignou-se o mar. Ingenuo moralista, educado na contemplação constante das serenias espheras, sentiu que era muita a perversão dos homens.

E os homens com terror viram erguer-se contra elles a colera das aguas. O mar cresceu, cresceu.

Couspiradas com o mar, engrossaram as torrentes e as cataractas das nuvens desabaram. Correram as crianças para as mães; as mulheres, com o pavor no olhar, seminuas, cabellos ao vento, buscavam os amantes supplicando soccorro, recordando na supplica os consumidos thesouros de caricias; evadidos da floresta alagada, fraternizavam no panico os animaes bravios com os homens. Os grandes da terra, em delirios de orgulho, ameaçavam com o punho, brandindo gestos de vingança.

O mar implacavel subiu, a topar com as nuvens.

Hoje o mar é outro. As quilhas rasgaram-lhe a virgindade iudomita. O divino justiceiro de outro tempo, experimentado e

velho, fez-se cúmplice dos homens. Anda agora a transportar, de terra em terra, sobre as abatidas espaldas, o fardo das ambições e das tyrannias.



12 DE ABRIL

Esta data, que é a do anniversario natalicio do Raul Pompeia, pareceu-me a melhor para dar publicidade ás *Canções sem Metro* do glorioso artista.

Desempenhando essa missão que me foi delegada pela veneranda mãe do inesquecível Raul, desvanece-me o requinte de escrupulo que fiz presidir á fiel reproducção dos originaes do impeccavel autor do *Atheu*, tendo nesse trabalho o valioso concurso de Americo Moreira e Collatino Barroso.

Abroquellado pois contra a possivel suspeita de uma temeraria collaboraçõ na obra de Raul Pompeia, assigno esta folha, assim destacada, para que nem mesmo se dê a intromissão do nome de um amigo neste livro de arte.

JOÃO ANDRÉA

A FLORESTA

*... Perche mi scerpi ?
Non hai tu spirito di pietate alcuno ?
Uomini fummo, ed or sem fatti sterpi.*

DANTE

(*Divina Commedia*).

A' floresta ! Visite-se de perto a tribu de troncos viris e rudes, retesando musculos de colosso sob o cortex empedernido, para suster os espantosos ramos, e essas terriveis plantas hostis, agachadas na treva, guardando a fronteira á republica das arvores. e os timidos arbustos, perecendo miseraveis, estiolados e rachiticos, immersos na exuberancia da grande vegetação. Ve-se o conflicto silencioso e formidavel da selva na ascensão para a luz ; braços convulsos, torcidos como serpes, aferrados uns aos outros em titanias de esforço, desesperados na extrema tensão ; garras colericas no ar ; fronteiras furadas de Poliphemo ; torsos e quadris, nodosidades que mostram vagamente hombros enormes na sombra ; joelhos de athletas, dorsos phenomenaes de fera, perfis de humano espanto, dragões de pesadello esboçados na escuridão. E sobre o tumulto escuro das ambições, coroando a victoria — o sol, a desejada luz brilhante e pura !

E a traição luminosa das floridas lianas que se elevam gracios e envolvem no carinho,

e cingem, enlaçam, captivam nas tramas de flores o mais valido madeiro, o grande patriarcha de toda aquella geração de troncos; sorprehendamo-as, traidoras, abraçando o collo ao gigante, amorosas e mortiferas, hauriudo, insaciaveis, o esplendor masculino dos ramos, vicejando, ridentes, sobre o tronco victimado que vai tombar ao primeiro abalo da invernía.

A' floresta ! Quando vier a borrasca, veremos a phantastica turba debatendo-se, esporeada pelo granizo; ouviremos o vasto gemido das arvores arquejantes, tentando derrancar-se á fixidez fatal das raizes sob o flagello das rajadas—esse gemido singular, humano, de miseria !



OS ANIMAES

...Et præsit piscibus maris et volatilibus cæli et bestiis, universæque terræ, omnique reptili quod movetur in terra.

GENESIS, C. I. 26.

Vosso rei ! proferiu Jehovah, entregando o Homem á criação.

A imagem de argilla acordou pouco a pouco num fremito de vida que lhe percorreu suavemente os membros. O olhar do homem abriu-se claro, infantil e nobre. Era ainda a magestade candida do olhar dos anjos. Para dar caminho ao Rei, abriram-se dóceis os penhascos ; as franças debruçaram-se, formando grinaldas festivas em arcarias triumphaes ; irromperam em pressa dos calices as petalas das flores, como labios, para sorrir-lhe aos pés—matizaram a relva, os prados, em grande gala. Chegaram os animaes. Cada qual offertou ao Homem, em tributo, o que julgava melhor das dadivas do Creador. Veiu a aguia e offereceu as azas e os estimulos elevados ; o leão offereceu a juba arrogante e a magestade selvagem ; o tigre offereceu as garras e a sêde de sangue ; o elephante, a força collossal ; o simio, a malicia ; a raposa, a sagacidade ; a serpente, o veneno e as linhas curvas ; o cão, a leal vileza ; a hyena, os instinctos da

traição; o asno, a perseverança; o cavallo, o dorso e a celeridade; o avestruz, o poderoso estomago e a cubiça: o bode, a luxuria; o porco, o proprio ventre e a torpeza; o pombo a alvura das pennas; o cysne, o derradeiro canto; o pavão, a vaidade; o rato, a rapacidade — pericia pratica do instincto.

O Rei apossou-se de tudo. Estava transformado o anjo de argilla.

E a natureza unanime acclamou esse monstro.



OS MINERAES

...*et replete terram, et subicite eam...*,

GENESIS, C. I 28.

SATAN, (*curvando-se para a terra*):

Filhos do fogo! A cobiça dos mortaes vac devassar o reino subterraneo, que é parti-lha vossa. Mão temeraria violará as secretas jazidas, irá perturbar o repouso e a paz, direito vosso, depois das fulgurantes batalhas dos primeiros dias. Sereis extorquidos á tranquillidade do natural destino, prosti-tuidos á vaidade humana insaciavel.

O OURO

Serei o throno dos tyranuos para oppri-mir os homens.

O FERRO

Serei a espada dos conquistadores.

O SALITRE

Serei o raio da guerra.

O DIAMANTE

Coroarei de estrellas o sexo para per-del-o.

Serei o esplendor funesto do sexo.

Coroarei a Devassidão.

O MARMORE

Serei o sarcophago.

Serei nas estatuas ironia, crueldade nas lapides.

A TERRA

Serei miasmas e vermes.

Entretanto a industria pujante atacou a
mineração do planeta.



INDUSTRIA

*Que la fournaise flambe, et que les lourds
mariteaux,
Nuit et jour et sans fin, tourmentent les
métaux!*

A. BRIZEUX.

O homem bate-se contra o mundo. Cada força viva é um inimigo. Aparte a luta das paixões, trava-se na sociedade a batalha perenne das industrias.

Combate-se contra o tempo que atraza e contra a distancia que afasta.

A locomotiva atravessa as planicies como um turbilhão de ferro ; a rede nervosa da telegraphia crêa a simultaneidade e a solidiedade na face do globo; o *steamer* supprime o oceano ; o milagre de Guttemberg precipita em tempestade as idéas, reduzindo o esforço cerebral ; exacerbam-se os impetos productores do sólo, com a energia vertiginosa das machinas. Vibram as cidades ao rumor homerico das caldeiras. Cada dia, o combate ganha uma nova feição e o ventre fecundo, o ventre inexaurivel das forjas, para as novas pugnas, produz novas armas.

Bem dita febre industrial !

Bem dito o operario, martyr das industrias !

Estenda-se por todo o firmamento o fumo
que paira sobre as cidades, vele aos nossos
olhos os abysmos da amplidão e os signos
impenetraveis das espheras.



COMMERCIO

TITULOS... COTAÇÕES... CAMBIO...

Concorram os productos do Oriente, marfins da Africa, sedas luxuosas da fauna polar: concorra o genio industrial da Europa; concorra a uberdade virginal do Novo Mundo—toda a materia prima de que fazem ouro os alchimistas do dia ! Esteriliza-se o solo, talam-se os campos extenuados, devastam-se as minas. Hão de acabar os futuros campos, hão de acabar as futuras minas.... Creemos ouro !

E' preciso que o ouro circule pela superficie do planeta como circula o sangue no corpo. Tudo se faça em ouro. Seja ouro a justiça, ouro as lagrimas dos opprimidos, ouro a honra, ouro a pureza, ouro a dignidade humana ! Acabadas as cachemiras, vendamos a carne que ellas cobriram. Ouro ! mais ouro !

Quando não houver mais trigo para os pães, faremos pães de ouro ; quando o planeta, exausto, fragmentar-se no vacuo, um novo planeta, de ouro, dará refugio á humanidade expatriada, mas triumphante !

Famoso alarma dos illuminados videntes do dia.



O VENTRE

A attracção sideral é uma fórmula do egoismo. O equilibrio dos egoismos, derivado em turbilhão, faz a ordem nas cousas.

Passa-se assim em presença do homem : a furia sedenta das raizes penetra a terra buscando alimento : na espessura, o leão persegue o antilope ; nas frondes, vingam os pomos assassinando as flôres. O egoismo cubiça a destruição. A sêde inabrandavel do mar tenta beber o rio, o rio pretende dar vazão ás nuvens, a nuvem ambiciona sorver o oceano. E vivem perpetuamente as flôres, e vivem os animaes nas brenhas, e vive a floresta ; o rio corre sempre, a nuvem reaparece ainda. Esta luta de morte é o quadro estupendo da vida na terra ; como o equilibrio das attracções ávidas dos mundos, tregoa forçada de odios, appellida-se a paz dos céos.

A fome é a suprema doutrina. Consumir é a lei.

A chamma devora e scintilla ; a terra devora e floresce ; o tigre devora e ama.

O abysmo prenhe de auroras alimenta-se de seculos.

A ordem social tambem é o turbilhão perenne ao redor de um centro. Gyram as instituições, gravitam as hypocrisias, passam os estados, bradam as cidades... O ventre, soberano como um deus, preside e engorda.

A NOUTE

*.....Le ciel
Se ferme lentement comme une grand al-
côve,
Et l'homme impatient se change en bête
fauve.*

C. BAUDELAIRE.

Chamamos treva á noute. A noute vem do Oriente como a luz. Adeaute, voam-lhe os genios da sombra, distribuindo estrelas e pyrilampos. A noute, soberana, desce. Por extranha magia revelam-se os phantasmas de subito.

Saem as paixões más e obscenas; a hypocrisia descasca-se e apparece; levantam-se no escuro as vesgas traições, crispando os punhos ao cabo dos punhaes; á sombra do bosque e nas ruas ermas, a alma perversa e a alma bestial encontram-se como amantes apalavrados; tresanda o miasma da orgia e da maldade—suja o ambiente; cada nova lampada que se accende, cada lampada que expira é um olhar torvo ou um olhar lubrico; familiares e insolentes, dão-se as mãos o vicio e o crime—dous bebédos.

Longe dahi a gemedora maternidade elabora a certeza das orgias vindouras.

E a escuridão, de pudor, cerra-se, mais intensa e mais negra.

Chamamos treva á noute—a noute que nos revela a sub-natureza dos homens e o espectáculo incomparavel das estrelas.



IV
VAIDADES

VOZES DA VIDA

Ne me demandez point quelle est cette pro-
(vince.
Ni le nom de son prince;
Vous le saurez, quand il en sera temps.

MOLIÉRE (*Psyché*).

—

O Céu

Volta-te para o alto, olhar humano, e adora a magnificencia da immensidade! Colhe as inspirações do teu genio que aqui reluzem com as estrellas no imperio infinito!

A TERRA

Baixa do firmamento o olhar maravilhado e contempla o verde oceano da praderia, animado pelo espirito alado do vento, rebentando em flores, explosindo em bosques—erupções violentas de uberdade! E' aqui o theatro dos vivos dramas do sol e das baladas em sonho do luar.

O MAR

Sou a imagem do céu, espelho de suas coleras, echo de seus clamores; partilho das ovações da aurora e do desalentó inexprimível das tardes.

Quando, pelas noutes limpidas, sorri o firmamento estrellado, brilham-me tambem no seio as constellações.

AS CIDADES

Homem, nós somos as filhas da tua grandeza!

A CARNE

Eu sou o amor.

O HOMEM

Fallai, calumnias queridas, realidade! Menti ! Não é preciso que eu saiba que tu és, céu, a decepção do espirito; terra, o impaciente tumulto; mar, a impotencia revoltada; cidade, o amphitheatro da miseria; carne, a veste precaria de alguns ossos.



A ARTE

Qui travaille de ses mains, pense, parle et écrit tout à la fois ; et si, dans la république de l'esprit, il existe des places réservées pour les intelligences supérieures, l'homme de style doit céder la place à l'homme d'action.

PROUDHON (*Idées révolutionnaires*).

Um círculo de trevas, a realidade; esquece-a é consolar-se. Desvairado pelas derrotas da realidade, o espirito evade-se para a embriaguez. A arte é a grande embriaguez do bello consolador.

Cantou com os pastores da primitiva humanidade, suavizando-lhes o rigor dos asperos dias; educou-se nas montanhas do Oriente e emigrou para a Europa. Engrandecida pela força do genio, ganhou mil fórmulas, expandiu-se em todas as direcções —estrella immensa ! clareando o orbe inteiro e o recesso das almas, confortando, com o divino effluvio, os corações deprimidos. Semelhante ao fogo, o extase consome-se no proprio ardor. Passa a embriaguez dos sentidos, passa o enthusiasmo intelligente da investigação ; ficam a saciedade, a descrença, a fadiga, a morte. Extincta a chamma, cinzas.

Os transportes do bello, não. A floresta das illusões, assaltada pelo inverno, esfolha-se folha a folha; a arte persiste. Des-

fere ainda, em pleno exterminio das energias, o canto victorioso do seu enthusiasmo.

Pharol de Leandro, immortal e culminante, domina impavido o naufragar das éras.

Feliz quem póde abysmar-se no tempo ao clarão desse facho !



MEPHISTOPHELES

Dá balauço ao teu cerebro, Fausto. Quanto resta das torvas insomnias? O pobre craneo de um sabio! Como esta cabeça calva de esqueleto te olha rindo! Observa.

A sonda da investigação entrou pelo mysterio; foram devassados os antros, flagelladas as trevas, arguidas as esphynges; a imaginação, de aza larga, alteiou-se á região etherea, cruzando as orbitas dos sóes. Abre agora o in-folio sordido. Em que deram tantas canceiras espirituaes? A contemplação arrogante da luz deixou-te cego! Anda, pois! Desiste do empenho... Sem azas de aguia, as aguias rastejariam. Não te illuda o surto apparente da inspiração!—em verdade, o espirito rasteja. A intelligencia, queres saber! é o proprio inferno. O espirito vê pelos olhos do corpo. A intelligencia tem apenas o olhar... dos olhos.

Queres mundo mais vasto? Recolhe-te ao coração.

O extase é uma decepção singular que nos prostra para cima.



HISTORIA DE AMOR

*An amor dolor sit,
An dolor amor rit,
Utrunque nescio !
Hoc unum sentio.
Jucundus dolor est,
Si dolor amor est.*

* * * *Phenix expirans.*

Viviam sob os céos, doudos de amor, o Homem e a Onda.

E o Homem disse :

“Eu amo a Onda; amo-a em seus languidos folguedos com Amphôtrite e as Nereidas ; amo-a na inconstancia, nas traições, nas femininas iras de tormenta. Extasio-me a vel-a nadando, nua, no mar manso, cabelleira fluctuante, estrellada de ardentias, o luar vestindo-lhe em fina prata as niveas espaduas e os flancos; ou na batalha, altiva, bella guerreira! atacando em grita com as irmãs, os atrevidos penedos do littoral durante a asperrima invernia.

A Onda conduz-me a thesouros secretos de ambar, coral e perolas ; paços sumptuosos de ouro e nacar ; jardins phantasticos, onde em cardume os peixes passam como as aves no céu.

Quando me contempla, imita no olhar a profundidade do espaço ; para me apparecer, cinge o collo de raios solares : ás vezes,

lomia ao Oriente a estrella d'alva e mostra
m'a na mão.

Que te poderia offerecer ; ó minha amada,
a troco do teu amor e do teu olhar."

—O teu amor !

O homem precipita-se á Onda e a Onda,
regaço de esmeraldas, o acolhe no amor e
na morte.



REVOLUÇÕES

Iluminada por um raio do dia uma pedra do alicerce entreviu a orgulhosa metopa que encimava o edificio. Lá estava perto das nuvens, opulenta de raros lavores, frondosa de acanthos, proferindo pela bocca de cem figuras um hymno de orgulho

A Alta Metopa

Tenho a soberania incontestavel da emnencia; sobre mim, as aguias apenas e o céu immenso. Em redor de mim, como uma guarda invisivel, revôa a vertigem. Fazem-me a côrte os alados perfumes, e as andorinhas lisonjeiras, e os carinhosos pombos.

Com a lança de platina affronto o raio que me hostilisa; os vendavaes raivosos nada podem contra a solidez granitica dos alicerces e o dia olympico visita-me primeiro com os effluvios virgens, antes de dar aos campos a manhã.

A Pedra do Alicerce

Basta, dragões soberbos! Toda a vossa grandeza celebrada começa de baixo, cá, das vis espaduas minhas. Sepulta para sempre no amago obscuro do solo, convivo miseravelmente com os vermes repulsivos e os gazes da podridão. Ha, lá em cima, o céu e o

vento, e o sol; por mim, passam fraternalmente as enxurradas e o exgotto. Mas ai de ti! faustosa pedra! ai dos gloriosos dragões! si en me agitar no sub-solo humilde da minha cova!

A Pedra Lavrada

Cantae, dragões, cantae a gloria! Murmure embora o alicerce. A lei do triumpho é o jubilo! A base é firme, fiel pela força do esmagamento. A grandeza opprime, immobilisa, confirma e garante. Cantae, dragões! Acima de nós; o céu e o sole as aguias supremas. Abaixo de nós, á sombra da nossa altura, as instituições dos homens e o altar dos deuses!

A Pedra do Alicerce

Pesada, esta oppressão de orgulho! Chega-me apenas a força dos asperos flancos para suster a mole da oppressão. Sina terrivel: supportar! Mas ai! pedra maldita e triumphante, resta-me a compensação do rancor. Opprime! Eu odiarei! Granito são os teus magestosos dragões esculpidos; é granito este informe rochedo subjogado. Resta-me a convicção audaz de que, trocadas as posições, eu saberia igualmente, transformada e exaltada, sopear-te, alicerce indiguo da luz! e triumphar!

O céu e o sol ouviam e meditavam a disputa das pedras, o mesmo céu, o mesmo sol que têm assistido ás incomprehendidas revoluções dos homens.

ESPERANÇA

*Sonnez, sonnez toujours, clairons de la
pensée!*

VICTOR HUGO—*Chatiments.*

Ahi vem a luz. Nodôa-se de sangue a madrugada como o scenario de uma hecatombe; o sol desponta apunhalando as nuvens com uma explosão de dardos.

Analogia das revoluções. A's vezes, a noite congloba no levante a resistencia das sombras; quer enfrentar o sol que chega, ambicioso e sanguinario, como Macbeth. Louca obstinação da noite! Através das nuvens destroçadas e em sangue, o dia!

Cantae, clarins das alvoradas! Vasta escuridão affronta ainda o oriente das esperanças humanas.

Está por travar-se a batalha definitiva da grande aurora. Conclua-se a tragedia secular da liberdade!



VERITAS

*Hæc carnis gloria, quæ tanti penditur
Sacris in litteris flos fæni dicitur,
Ut leve folium, quod venti rapitur,
Sic vitæ hominis-luct subtrahitur.*

JACOPONUS—*Mundi vanitas,*

Tal qual a aurora, pode ser o crepusculo da tarde—sanguinolento ; mas lá o sangue da aurora é fecundo ; o sangue do occidente é morto.

Vae pouco a pouco tombando o sol. A noite, emboscada além dos montes, espera. Subito desdobra-se a grande aza. E cae assassinado o dia, ensanguentando o firmamento. Veste-se de crepe a natureza. Morre a alegria dos passaros ; não se distingue mais a festa universal das côres. A monotonia da noite iguala tudo na diffusão do invisivel e do obscuro. Ao fundo do bosque, como o soluço feito ave, canta o pavoroso môcho. O orvalho em lagrimas debulha das flores e dos ramos. A lua, em vez de illuminar, triste plagiaria do sol, anda a evocar dos tumulos os lemures dos espectros.

E' noite ; desfecho tragico do occaso, depois da cruenta genese da aurora.

Salve sol da Justiça, ideal das revoluções !

DESERTO

*Sovra tutto'l sabbion d'un cader lento
Piovean di fuoco dilatate falde...*

DANTE — *Divina Commedia.*

Cerca-nos, como um circulo de desespero,
a devastação do areal, uniforme, afo-
gueada.

“Adiante ! adiante !”

Sempre o areal secco, esteril, ardente. De
espaço a espaço, dolorosa ironia ! a vira-
ção que devera alliviar a tortura do abra-
samento, vem augmentar a calma e le-
vanta no ar um nevoeiro de cinzas arden-
tes—pulverisação de fogo ! Apenas o grito
selvagem do gypacto falla no céu e vem,
como maldição, quebrar o silencio mortal
da planicie.

“Adiante ! Adiante !”

Ainda a perspectiva inexoravel das areias
sem fim. A terra respira fogo, o horisonte
bafeja fogo ; fogo despede o céu, immensa
cupola de reverbero. Opprime-nos a luz do
dia como um anathema...

Ah ! temos chegado !

Abençoado seja o deus de Mafoma e dos
desertos. Já se avista ao longe, sobre as
areias, a face de pedra das pyramides. Lá
estão na extrema perspectiva, os desejados
tumulos !

Grata consolação ! Ver as pyramides !

Está proximo o termo da jornada. Ani-
madores tumulos !

HAMLET

Words, words, words...

SHAKSPEARE—*Hamlet. Act. Sc.*

Realmente, vans e nullas são as palavras !

Homem, universo, vida, eternidade... Qual o significado deste vocabulario esquivo ? A sabedoria dos seculos accumulou palavras e palavras, definiu o mundo por um systema pretencioso de sons. Sob a combinação chromatica das syllabas, como no involucro impenetravel das apparencias, o mundo vive e defende-se, indefinido sempre, absurdo e mysterioso. A investigação dos vocabulos, arrogante e impotente, ruidosa e revoltada, levanta-se, offega, arroja-se e retráe-se—coleras dondejantes do mar asanhado contra o promontorio. O mysterio da escarpa rebelde vae zombando do embate. Vocifera e brama o oceano. O seu destino é esse ; o destino da rocha é triumphar. Tanto val, em summa, a energia do granito como a impotencia do mar. Rugem as ondas e tombam... porque não vencem ? E a pedra... porque triumpham ?

Vans e nullas são as palavras, Hamlet ; mas a obscuridade que as degrada é essa mesma sombra invulneravel e tremenda, alma negra do universo, tormento perpetuo do teu cerebro.

V
INFINITO

RUMOR E SILENCIO

... *Così tra questa
Immensità s'annega il pensier mio;
E il naufragar m'è dolce in questo mare.*

G. LEOPARDI—*L'infinito.*

Ouvis, lá abaixo o rumor da cidade, a grita dos homens, o estridor dos carros o tropel dos ginetes, o fragor das industrias? Ouvis de outra banda a voz do arvoredado, os passaros saudando a tarde, o vento angustiando a harpa eolica das frondes? Ouvis esse clamor ingente que as ondas mandam? E' a symphonia da vida.

Diz-se então que o silencio é a morte.

Multiplicae esses rumores. Aggravae o tumulto industrial dos homens na paz com as perturbações estrepitosas da guerra; reforçae as vozes da floresta e do mar; juntae-lhes a solemne toada das catadupas, o pungente mugir dos oceanos lanceados pelo temporal, as explosões electricas do raio, a crepitação fragorosa dos gelos derrocados pelo primeiro sopro da primavera polar, o garganteio monstruoso dos volcões inflamados; fazei rugir o côro das catastrophes humanas e dos cataclysmas geologicos.

Dizei, depois, onde mais intensa é a vida e maior o assombro, si embaixo ou lá em cima, no zimbório diaphano que a noite vai conquistando agora, na savana immensa onde transita a migração dos dias e

viajam as estrellas, onde os meteoros vivem, onde os cometas cruzam-se como espadas phantasticas de archanjos em guerra —na mansão dos astros e do sagrado silencio do infinito ?!



HONTEM

Uma pedra, um epitaphio, é cada pagina da historia. Embaixo dessas inscripções os seculos dormem. Poeira vil e saudades.

Todas as alegrias do dia de hontem e todas as lagrimas, conquistas e decepções, louros e espinhos, apotheoses e martyrios, misérias, grandezas, fortunas, maldições, tudo reverteu em nosso proveito. Passou o tempo sobre o mundo; para nós ficou o legado das cinzas escassas. Por nossa vida, foram immoladas as gerações. Dos despojos dessas victimas, herdeiros ferozes, nós hoje nos alimentamos, como vegeta o renovo na podridão que o gerou. Duro egoismo viver das cinzas maternas ! Mas está servido o banquete. Os seculos foram sacrificados em holocausto aos vindouros.

Fostes !

Vindouros somos nós !



HOJE

As lendas da navegação celebram o terror de Maelstrom: um abysmo cavado nas aguas, através do qual, como por formidável trombeta, assopra o genio devastados dos cataclysmas.

As ondas, tropa selvagem de leões, debatem-se doudamente. arqueam o felino dorso, sacodem como alvissima juba a espuma-rada e rolam rugindo no barathro, devoradas pela vertigem. Ousa a embarcação temeraria avisinhar-se do circo tremendo onde combatem os leões da tormenta; não ha mais fugir.

A vertigem prende; a fome do vortice reclama a presa. O navegador recolhe os remos.

A' semelhança do barco na lendaria viagem, nós vamos avante.

O futuro chama. Vingador escrupuloso do passado, vai viver de nós, como nós vivemos do dia de hontem. Avante! avante! Lá vejo a aurora, a odiosa aurora, fauces em sangue da féra nocturna que a escora. Eil-o, o futuro hospitaleiro que nos convida.



VOLCÃO EXTINCTO

*È quel medesimo, che si fue accorto
Ch'io dimandava il mio Duca di lui.
Gridò : Qual i 'fui vivo, tal son morto!*

DANTE—*Divina Commedia.*

Rasga-se a cratera á sombra do pincaro mais alto. Precipicios sem fundo; vai-se-nos a imaginação pelas fragas, a perder-se embaixo, impenetravel noite.

Antes de tombar sobre o volcão este silencio pesado, quanta vez tremeram as rochas ao rugido da lava fervente ! Tentara o gigante em outros tempos incendiar a amplidão: o seculo o punio.

Nada mais ficon dos grandes dias além das escarpas calcinadas, o velho esqueleto informe. Cahiram para sempre os castellos de chanimas que se erguiam sobre a cratera; extinguiram-se de vez as scenographias satanicas da conflagração; pereceu a memoria das erupções triumphaes !

Tudo agora está findo.

E para os espaços arreganha-se o caminho das lavas, immensa bocca torcida na expressão de atroz agonia—brado estrangulado pela morte, apostrophe muda e terrivel, blasphemia mysteriosa da terra.



OS CONTINENTES

*¿ Hont ets ?—Y ay ! hont l'hermosa
solia 'ls cars atraure,
lo pilach responenta:— Yo l'he engolida d nit;
feste enlld ! entre les terres per sempre
'm vull ajaure;
man llit ! ; ay d'elles ! ay ! si 'm also per
dixamplar.*

J. VERDARGUER—*La Atlantida.*

Atlantida ! Atlantida !

Onde estão agora as florestas, as torrentes caudaes, as cidades, os reinos ? Onde os homens, os rebanhos, as feras ? Monumentos, grandeza, poderio, exercitos, sciencias, e as gloriosas artes ?... Onde jaz sepultado o genio humano, fertilizador das regiões desaparecidas ? Que é feito das proprias ruinas ? Como foram consumidos os venerandos restos da architectura—fustes truncados, capiteis calidos ? E os tumulos ? as ossadas dispersas, que vão ficando das gerações no roteiro dos seculos ? A propria morte morreu. E as montanhas, que suspeitavamos eternas, na audaciosa magestade da pedra, familiares entre a aguia e o raio, como Jupiter Deus ?!

Os monstros sabem talvez—os monstros do mar profundo, que nadam lendo pelos escombros immersos, o olhar pavidó, na transparencia nocturna do abysmo; mas guardam tenazmente o formidavel segredo do seu espanto.

A face do oceano é muda como o marmore sem inscripções.

Debalde o sol aggride com os raios irreverentes da luz a superficie da campã amplissima. Os raios quebram-se, repellidos pela discreção lapidaria do mysterio. Debalde a tormenta devasta e sulca, chacal sacrilego! com as furiosas garras a espesura esmagadora que se acama sobre o continente submergido.

Terror perenne e indefinivel dos continentes vivos : a interrogação permanece.



OS DEUSES

Credo Solar

*Las ciencias que abandonas,
Los templos, las religiones
Que pasaron, y que luego
Por mentira reconoces,
Son, quizá, menos mentira
Que las que ahora te forges?*

J. DE ESPRONCEDA—*El diablo mundo.*

Donde vens, divino sol? Que ideal te propelle á infinita jornada?

Vê! teus raios penetraram a natureza como uma vida nova; sob o teu olhar, o magnanimo universo resurge e rejuvenesce. Ouve! ha risos sob a relva e canções no arvoredo! E' teu o ouro das azas do insecto; o verde dos bosques é teu; é teu o azul dos espaços. Todas estas petalas que resplendem iriadas, recamando os prados, foram todas ellas coloridas sob o minucioso pincel formado dos teus raios.

Que estranha potestade és tu, glorioso sol que me deslumbra?!

Sem a tua presença toda esta paysagem jazera morta. Toda esta alegria me acorda o sangue e um vivo effluvio de fulgor, astro omnipotente, creador das côres e dos dias! Ah! eu adoro o sol que é a força. Vem do mysterio como os deuses e, como os deuses vem, como os deuses vai para o mysterio. Porque buscar mais alto a Divindade?!

Eu creio no astro omnipotente, creador dos dias e das côres.

TRANSIT

Cæli enarrant gloriam Dei, et opera magnum ejus annuntiat armamentum.

L. PSALM—XVIII 2.

A' beira do agreste atalho um tumulto. Os cães visitaram-no; a cruz cahiu. Fóra da cova, de eu volta com a terra, uma caveira parece intencionalmente voltada para o infiuito. O osso recortado da face affecta o riso aspero e impertinente, a ironia fixa de todas as caveiras.

No espaço e na terra, noite fechada, calma absoluta; os astros olham vagamente agitando os cilios de prata. Ha um murmuro vago como a respiração do silencio. Dir-se-hia ouvir o monologo meditativo dos seres através da sombra.

O tumulto

Das passadas arrogancias nada encontra no envolucro do osso. Pura lama o cerebro estulto que concebeu dividir em tribus a innumeravel vegetação das varzeas e das montanhas, dar nome a cada uma das rochas subterraneas, inquirir o problema permanente das origens !

Perderam-se os ephemeros atrevimentos. A vegetação do solo uberrimo cresce como sempre, desordenada e festiva; o granito immortal ampara na espadua o tecto das cavernas, indifferente á vaidade das theorias.

Uma estrella

Moravam no craneo os systemas e os ideaes eram como as constellações do céo; cada pensamento era um meteóro relampeando. O cerebro dictava leis; impunha-nos a geometria tyrannica ; marcava o indice do futuro ; explicava o passado!...

Vão-se os systemas, apaga-se o astro das idéas, perecem as formulas com o cerebro. —Nós, eternas como divindades, vivemos !

Infinito côro longinquo das estrellas fin-
das !

Salve, Seculo !



SOLUÇÃO

—

Para que mais, insensato ? ! Aqui venho eu da grande derrota. Baixei ao fundo dos problemas; visitei, com o verme, as entranhas da terra; com o vendaval, o horizonte; com as sybillas, os antros; com o albatroz, a furia das tormentas; com o luar pallido, o coração da noite; com a estrella, o infinito; com os sonhos, a nuvem do passado. Deu-me luz o sol, deu-me firmeza o penhasco, deu-me eloquencia o raio, deu-me azas o cyclone, deu-me arrojo o mar ! Estudei, indaguei, auscultei, interpellei, evoquei, apostrophei; fui da apostrophe á maldição, da maldição á blasphemia. Aurspice sacrilego, cavei o ventre aos deuses ! Sondei, sondei, sondei ! Des-a fiei o genio negro das metamorphoses; insultei as vertigens do abysmo !...

E o genio negro respondeu-me :—Nunca !

E eu li no abysmo :—Nunca !



TORMENTA E BONANÇA

Les flots murmurent leur éternel murmure. le vent souffle, les nuages fuient. les étoiles scintillent, froides et indifférentes—et un fou attend réponse.

H. HEINE—*La mer du Nord*—Trad. de Gerard de Nerval.

Tabernaculo abandonado dos velhos deuses ! bradava uma voz na tormenta.

Céo profundo ! morada do terror e do silencio ! De que val a luminaria dos astros? E' mais tenebroso o teu seio que as insondadas cryptas das minhas profundezas. Oceano ethereo, onde os mundos nadam! que ignotos littoraes restringem o teu ambito incalculavel ?

Onde vão parar as estranhas ondas e as correntes e os turbilhões que te convulsionam a espessura ? Donde despedes o golpe do furacão que lacera as vagas ?

Os homens, meus irmãos, desesperam-se commigo e inquirêm. Sob a ameaça dos prophetas, acobardaram-se, foram pedir pousada aos templos pára o seu terror, tentaram propiciar-te pela lisonja.

E a inmensidade embebeu o fumo inutil da aras. Aos homens replica o sarcasmo immortal da morte.

Que mão é esta que trucida os homens, que flagella as vagas ? Onde acoutas, ó céu ! esse phantasma adverso que os fere, que me fere ? !

Serenou o mar; estendeu-se-lhe á superficie a calma da prostração e a mudez. Fluctua-lhe, á tona, a vasta tristeza habitual —decepção perpetua das perpetuas audacias do oceano.



CONCLUSÃO

(A Fabula do Céu)

*Omnis mundi creatura
Quasi liber et pictura
Nobis est, et speculum:
Nostræ vitæ, nostræ mortis,
Nostri status, nostræ sortis
Fidele signaculum.*

ALANUS INSULANUS.

Serena o mar...

Torna também o firmamento á limpidez da bonança. Ao mar, aos homens, reapareceu, sem macula, a amplidão do azul.

Sem macula !

Pode vir de novo a cohorte dos nimbus travar o drama da tempestade.

Pode vir a estrella e proseguir a jornada nomade que leva !

Venha, prosiga a neve, flammeje o astro. Para a nuvem, risonha ou tragica, sombria ou luminosa, pejada de raios ou penetrada de luar, lá está o scenario franco. Para o astro, impassivel, lá está o rumo das orbitas desimpedido !

Estrella, nuvem—nuvem que passa, estrella que arde.

Sobre o céu eterno destaca-se bem a antithese destas creações diversamente ephemerias do Mysterio. Supremo ensino das cousas !

Em vivo contraste, sobre o fundo obscuro do tempo interminuo—a nullidade real dos

multiplos aspectos cambiantes das existencias.

O céu, como uma fabula, tem esta moralidade.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).